

# Para economista, “isso é coisa de amador”

**São Paulo** — O plano que o ex-ministro da Fazenda, Paulo Haddad, pretendia aplicar na economia do País não reverteria o processo inflacionário, segundo economistas que conheceram com antecedência as diretrizes gerais do novo pacote. “É coisa de amador”, diz Carlos Alberto Longo, professor titular da Universidade de São Paulo (USP). “As medidas mostram falta de conhecimento sobre economia brasileira”, afirma o ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore. O novo choque na economia

incluía congelamento de preços e salários, a troca da TR pelo IGP-M da Fundação Getúlio Vargas e um calote na dívida pública.

“Essa intervenção no mercado financeiro é muito parecida com o bloqueio dos ativos feito pelo governo Collor”, diz Pastore. O plano previa a troca de parte da dívida pública por títulos do governo com vencimento em 15 dias, corrigidos pelo IGP-M mais juros de 6% ao ano. “Se isso não viesse acompanhado por medidas complementares, haveria risco de quebraadeira

para os bancos privados”, afirma Longo.

Os dois economistas também criticam uma nova tentativa de congelamento de preços e salários. “Seria errar mais uma vez”, diz Longo. Quanto à troca da TR pelo IGP-M, Pastore é incisivo: “Seria inócuo”. “Se medidazinhas como esta servirem de base para um plano econômico, é sinal de que estamos vivendo num País esotérico”, acrescenta.

Na opinião de Longo, o Plano Haddad não conseguiria conter a

inflação por estar muito limitado ao mercado financeiro. “É um plano pitoresco e nada acabado”. Segundo ele, faltou a definição de uma política econômica que incluísse soluções para o déficit público. “Na minha visão, qualquer estratégia neste momento deveria incluir uma âncora cambial”, afirma o economista. Já Pastore acha que o caminho de estabilização não passa por novas intervenções no mercado financeiro. “O governo Collor já mostrou o que esse tipo de medida produz”.